

APRESENTAÇÃO*

*Adriana Freire Pereira Ferriz
Carlos Felipe Nunes Moreira
Eliana Bolorino Canteiro Martins*

O que este livro manifesta – já em seu título: “Tijolos contra muros: contribuições críticas do Serviço Social na Educação” - é que a contribuição crítica do Serviço Social na educação vem, cada vez melhor, compreendendo e revelando a sua condição inerente de ser “muro e liberdade”, contraditoriamente ao mesmo tempo. Quando crescemos e fomos à escola, tudo era apenas um tijolo no muro. Havia e há certo modelo de educação que machuca, que aliena, que desumaniza crianças, adolescentes, jovens e adultos. Todos são somente “tijolos na parede”, como diz a velha canção do Pink Floyd.

Nós, classe trabalhadora, não desejamos essa educação. Não precisamos de controle, mas de autonomia. Não precisamos de muros, mas de asas. Não compactuamos com a educação tradicional hegemônica.

E desejamos outra. “*Hey! Teachers! Leave them kids alone!*”, clama Roger Waters (1979) em *Another Brick in the Wall*. Acontece que nós, assistentes sociais, também somos parte dessa parede. De maneira geral, a força de trabalho de qualquer profissional da educação é comprada por aqueles que precisam de mais controle e menos autonomia. De muros enormes e asas diminutas. Todos são somente tijolos na parede, mas podemos ser também tijolos contra essa parede. Ou seja, concomitantemente, tijolos contra muros.

O Serviço Social é parte de um complexo processo que realiza o direito social a uma educação conformista e acrítica, mas que somente através do seu acesso e permanência os trabalhadores poderão dela se apropriar com vista a sua transformação. Reconhecendo, assim, os limites históricos da sua condição de classe ao mesmo tempo em que aponta para um novo futuro sem classes. Uma educação que eleve a outro patamar as conquistas até aqui já objetivadas, através de um processo dialético de conservação-superação dessas conquistas e orientado por um tipo de educação inconciliável com a ordem do capital, mas que se fortifique por dentro dela. Articulando o conjunto de atividades educativas com as lutas sociais, tanto específicas como gerais, da classe trabalhadora organizada.

Nesta direção, o GEPESSE que recentemente completou uma década de existência (2010-2019), vem contribuindo com o processo de crítica à política educacional brasileira e na construção do trabalho do assistente social na perspectiva de efetivação de “[...] atividades educativas emancipadoras [...]” (TONET, 2014, p. 1). A publicação deste livro, resultante de um coletivo de autores, estudiosos, pesquisadores, trabalhadores que atuam na área da educação que compartilham com a vertente teórico-crítica sobre educação e serviço social, nos honra neste momento de celebração da existência do GEPESSE.

Concordamos plenamente com Paulo Freire (patrono da Educação brasileira) ao afirmar que: “A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente do homem.” (FREIRE, 2006, p. 98). Em um contexto tão adverso, socializar a produção de conhecimentos na interface Serviço Social e Educação nos mobiliza a encontrar coletivamente estratégias de resistência.

*DOI – 10.29388/978-65-81417-71-0-0-f.11-11